 Tempo de leitura: 4 min.

O quarto de Dom Bosco onde ele realmente deu seu último suspiro (Valdocco, Turim)

“Custa-me muito esforço andar por aí, dar audiências de manhã à noite; visitar benfeitores; em certos dias sentia-me muito mal por causa do cansaço e das minhas enfermidades: mas pensar em vocês torna doce esse esforço”.

“Longe de seus olhos, longe de seu coração…”, cantava Sérgio Endrigo há meio século, e o conhecido cantor e compositor lamentava o enfraquecimento das relações com uma pessoa que não se pode ver e cuja vida não flui mais diante dos próprios olhos. Essa também é uma experiência um tanto comum para todos nós. Mas nada parece mais falso no que diz respeito a Dom Bosco e seus jovens; na verdade, poderíamos dizer que quanto mais longe eles estavam dele, mais perto ele estava deles. Oferecemos uma pequena amostra disso ao examinarmos as centenas de cartas dos últimos anos de sua vida.
Em 5 de fevereiro de 1886, ele escrevia ao jovem sacerdote missionário P. Carlos Peretto, “prefeito” da casa de Niterói, no Brasil: “Se eu fosse vinte anos mais jovem, como a viagem para a América seria feita em breve! Mas se para tudo há um remédio, para o passar dos anos não há: portanto, paciência. Mas não pense que estamos tão distantes que não posso encontrar-me com o senhor em determinados momentos. E quando chega a noite e eu descanso por alguns momentos na semiescuridão, eu o revejo, vejo-o em espírito, pareço ouvir sua voz, fico comovido e oro pelo senhor. Oh! Com tanto carinho, com tanto fervor! E então eu o abençoo como se estivesse diante de mim… como estava no dia da partida! Nesses momentos, o vasto oceano que nos separa não é mais do que uma gota d’água; o Brasil, a Patagônia, Buenos Aires, Montevidéu não estão mais do que a um passo da minha cadeira”.

Comovente. À noite, Dom Bosco sonhava com seus “filhos muito amados” espalhados pelas estepes desoladas e geladas do “fim do mundo” para civilizar e evangelizar tribos selvagens… mas durante o dia, talvez ao entardecer, na “hora em que volta a saudade e amolece o coração dos marinheiros”, como diria o poeta divino, ele os via diretamente em ação, como se estivessem diante dele. Força do amor que vai além do espaço e do tempo! Quem sabe o que Dom Bosco teria dado para estar junto de seus filhos missionários! Mas ele nunca teve essa possibilidade.

Além dos Alpes

Outra oportunidade. Viajando pela França, quando chegou a Toulon, em 20 de abril de 1885, Dom Bosco pegou caneta, papel e tinteiro e se dirigiu aos seus meninos de Valdocco com estas palavras: “Meus queridos filhos, fui para a França e vocês podem adivinhar porquê. Vocês destroem os pães e, se eu não fosse em busca de dinheiro, o padeiro gritaria que não há mais farinha e que não tem nada para colocar no forno. Rossi, o cozinheiro, passaria as mãos nos cabelos e gritaria que não sabe o que colocar na panela. Como o cozinheiro e o padeiro têm razão e vocês têm ainda mais razão do que eles, tive de ir em busca da sorte para que nada faltasse aos meus queridos filhos”.

Poderia parecer simplesmente uma forma elegante e facilmente compreendida pelos destinatários, que conheciam bem a situação e as pessoas mencionadas; mas vale a pena observar que o Dom Bosco que viajava pela França naquela época era uma sombra de si mesmo, um homem praticamente exausto, um terno desgastado pelo uso, um “milagre vivo”, como o definiu um médico francês. Ele mesmo confessa isso na continuação da carta: “É verdade que me custa muito andar por aí, dar audiências de manhã à noite, visitar benfeitores; em certos dias sinto-me muito mal por causa do cansaço e das minhas enfermidades; mas pensar em vocês tornava esse esforço doce para mim. Porque estou sempre pensando no Oratório; e especialmente à noite, quando posso ter um pouco de sossego, vou ver os Superiores e os jovens; falo deles com os que me são próximos e rezo continuamente por eles. E vocês também pensam em mim, rezam por mim? Ah, sim, certamente, porque o Diretor de vocês me escreveu; suas cartas, com as notícias que me deu sobre a casa, me causaram grande prazer”.

Dom Bosco está sempre ligado aos seus jovens, quer saber tudo sobre eles, não pode viver sem eles. Ama-os, pensa neles, sonha com eles, torna-os participantes das graças espirituais e materiais com as quais Nossa Senhora abre os corações e as carteiras dos benfeitores franceses: “Logo começará o mês de maio e eu gostaria que vocês o consagrassem de modo especial em honra de Maria Santíssima Auxiliadora. Se vocês soubessem quantas graças Maria Santíssima concedeu nestes dias em favor de seus bons filhos do Oratório! Nossa Senhora realmente merece que vocês lhe deem um penhor de sua gratidão”.

E como é preciso ser concreto com os jovens, Dom Bosco desce à prática: “Proponho então um pequeno presente a ser feito durante todo o mês e quero que vocês o ponham fielmente em prática. O presente é o seguinte: cada um de vocês, em honra de Maria, deve fazer um esforço para manter o pecado mortal longe de sua alma, evitando oportunidades e frequentando os Sacramentos. No ano passado, tivemos cólera na Itália, mas no futuro poderemos ter algo pior. Portanto,

precisamos que Nossa Senhora estenda seu manto sobre nós”.
É claro que ele também promete algo bom: “Em breve, espero estar novamente entre vocês e peço ao Diretor para que, nesse dia, ele nos faça felizes no refeitório. Vocês gostam de alegria, não é mesmo? E eu também gosto e desejo e oro para que o Senhor um dia conceda a todos vocês, conceda a mim aquela alegria eterna que ele preparou para aqueles que o amam”.

Promessa cumprida

Quarenta anos depois, de Marselha, em 12 de abril de 1885, ele escreveu ao seu ex-aluno e agora diretor de estudos em Turim, o P. João Batista Francesia: “O senhor dirá aos nossos queridos jovens e coirmãos que eu trabalho para eles e que até o meu último suspiro será para eles, e eles rezem por mim, sejam bons, fujam do pecado para que todos nós possamos ser salvos eternamente. Todos. *Que Dieu nous bénisse et que la Sainte Vierge nos protège* » [que Deus nos abençoe e que a Virgem Santíssima nos proteja]. O peregrino itinerante e esmoler Dom Bosco estava literalmente exausto e, portanto, nem percebeu que estava concluindo sua curta mensagem em francês.